

CAPÍTULO 6

COMEMORAÇÃO DOS 10 ANOS DO PROJETO DE EXTENSÃO TECIDOTECA – CURSO DE MODA UEM CIANORTE

Data de aceite: 01/03/2024

Ronaldo Salvador Vasques

Fundador e coordenador do Projeto de Extensão TECIDOTECA
Universidade Estadual de Maringá – Campus Regional de Cianorte
Cianorte – Paraná
<http://lattes.cnpq.br/7159248225674871>

Fabrício de Souza Fortunato

Fundador e coordenador do Projeto de Extensão TECIDOTECA
Universidade Estadual de Maringá – Campus Regional de Cianorte
Cianorte - Paraná
<http://lattes.cnpq.br/6707435689950700>

Márcia Regina Paiva

Fundadora e coordenadora do Projeto de Extensão TECIDOTECA
Universidade Estadual de Maringá- BCE
Campus Sede
Maringá – Paraná
<https://orcid.org/0000-0001-6265-4147>

RESUMO: O Projeto de Extensão TECIDOTECA se mostra como um recurso muito próspero para desenvolvimento da sala de aula e para o viés extensionista em relação ao campo da aprendizagem e à adesão de disciplinas teórica/práticas na

grande área Moda, do Campus Regional de Cianorte. Para a celebração dos 10 anos de existência deste projeto, houve diversos pensamentos, espaços e locais ocorrendo duas exposições: uma realizada no Anfiteatro da UEM – Cianorte, com o designio basilar à comemoração dos 10 anos do Projeto de Extensão TECIDOTECA; e outra no Paço Municipal da Prefeitura de Cianorte/PR. Desta maneira, as conexões do Projeto de Extensão, a sala de aula, o aprendizado histórico, prático e o deslocamento destas exposições em seus ambientes diferentes corroboraram com o tripé da Universidade atingindo o Ensino, Pesquisa e Extensão. Neste sentido, e dando continuidade à festividade, foi realizado, no curso de Bacharelado em Moda da Universidade Estadual de Maringá - Campus Regional de Cianorte, um trabalho sobre a história dos vestidos de noivas, desde a idade média até ao contemporâneo, o qual foi desenvolvido pelos acadêmicos do segundo ano do curso de Moda de 2019 e teve como objetivo confeccionar os vestidos de noivas mais famosos deste intervalo de tempo. Ocorreu pela união das disciplinas de Tecnologia da Confecção, Tecnologia Têxtil, Modelagem Plana, História da Moda, História da Moda Contemporânea e Modelagem

Tridimensional que, alinhadas ao Projeto de Extensão TECIDOTECA MODA/UEM-Campus Regional de Cianorte, contribuíram com a identificação dos tecidos, malhas e não-tecidos utilizados no processo de construção dos vestuários. Podemos, então, salientar que o Projeto de Extensão TECIDOTECA vem contribuindo há 10 anos com a pesquisa, a comunidade, os interessados do setor de Moda e Têxteis e, principalmente, o curso de Bacharelado em Moda da UEM – Cianorte.

PALAVRAS-CHAVE: Tecidoteca. Moda. Exposições. Extensão.

CELEBRATION OF THE 10TH YEARS OF THE TECIDOTECA EXTENSION PROJECT – UEM CIANORTE FASHION COURSE

ABSTRACT: The TECIDOTECA Extension Project appears to be a very prosperous resource for the development of the classroom and for the extensionist bias in relation to the field of learning and the adherence to theoretical/practical disciplines in the greater Fashion area, of the Cianorte Regional Campus. To celebrate the 10 years of existence of this project, there were different thoughts, spaces and locations with two exhibitions: one held at the UEM Amphitheater – Cianorte, with the basic aim of celebrating the 10 years of the TECIDOTECA Extension Project; and another in the Municipal Palace of Cianorte/PR City Hall. In this way, the connections of the Extension Project, the classroom, historical and practical learning and the displacement of these exhibitions in their different environments corroborated the University's tripod achieving Teaching, Research and Extension. In this sense, and continuing the festivity, a work was carried out on the history of wedding dresses, from the Middle Ages to the contemporary era, in the Bachelor of Fashion course at the State University of Maringá - Cianorte Regional Campus, which was developed by second-year students of the 2019 Fashion course and aimed to make the most famous wedding dresses of this period of time. It occurred through the union of the disciplines of Clothing Technology, Textile Technology, Flat Modeling, History of Fashion, History of Contemporary Fashion and Three-Dimensional Modeling which, aligned with the TECIDOTECA MODA/UEM-Campus Regional de Cianorte Extension Project, contributed to the identification of fabrics , knits and non-woven fabrics used in the clothing construction process. We can, therefore, highlight that the TECIDOTECA Extension Project has been contributing for 10 years to research, the community, stakeholders in the Fashion and Textiles sector and, mainly, the Bachelor's degree in Fashion at UEM – Cianorte.

KEYWORDS: Fabric library. Fashion. Exhibitions. Extension.

INTRODUÇÃO

História e memória do projeto de extensão Tecidoteca

O projeto de extensão Tecidoteca possui um acervo de bandeiras têxteis, desde 2009, que tem um propósito significativo extensionista, considerando um acervo completo no estudo dos diversos materiais têxteis. Este capítulo de livro tem como proposta destacar a história da catalogação das bandeiras têxteis e apresentar os resultados alcançados ao longo deste projeto no viés extensionista. O projeto tem relevância para o ensino, pesquisa e extensão da comunidade acadêmica da área de Moda e afins, além de ter a função

de entender, conservar, conhecer e organizar os têxteis como documentos para pesquisa em moda. A bandeira têxtil é composta por informações técnicas, como: manuseio, corte, queima, cor, fotografias, identificação, especificações do tipo de matéria prima, nome técnico, morfologia, entre outros.

A primeira figura, de 2009, mostra que a Tecidoteca está localizada nas dependências da Biblioteca do Campus Regional de Cianorte (CRC) e apresenta a Bibliotecária Márcia Regina Paiva e o professor Fabrício de Souza Fortunato.



Figura 01 – Biblioteca do Campus Regional de Cianorte (CRC)

Fonte: Acervo Tecidoteca Moda/UEM Cianorte (2009).

A segunda figura, retrata a primeira visita técnica do projeto em uma indústria de fiação de algodão (CO), localizada na cidade de Maringá – Paraná, Cocamar Indústria de Fios.



Figura 02 – Fiação de Algodão Cocamar

Fonte: Acervo Tecidoteca Moda/UEM Cianorte (2009).

Ao longo de seus dez primeiros anos, o projeto realizou diversas visitas técnicas na indústria de Cianorte e região (Bordados Vitória, Lavanderia e Tinturaria Lavinorte, Cia Tricô Chiafrom, Grupo Morena Rosa, Canatiba Têxtil, entre outras), produziu artigos científicos, resenhas, matérias jornalísticas, participou de eventos na área acadêmica e possui redes sociais bem atuantes com Facebook, Instagram, Pinterest e seu Blog: <https://tecidotecauem.blogspot.com/>, onde estão todas as bandeiras têxteis e atividades.

Exposição 1: Comemoração aos 10 anos de história do projeto de extensão - Tecidoteca no anfiteatro da UEM - Campus Regional de Cianorte (CRC)

A exposição dos vestidos de noivas ocorreu em dois espaços durante o ano de 2019, na comemoração dos 10 anos do projeto de extensão Tecidoteca: no Saguão do Paço Municipal da Prefeitura de Cianorte e no anfiteatro do CRC. Neste sentido, o projeto de extensão Tecidoteca fez cinco matérias sobre o evento, como podemos observar no excerto:

Hoje iniciaremos uma retrospectiva dos dias de evento em comemoração aos 10 anos de história do projeto de extensão Tecidoteca UEM. E, para esse primeiro post, falaremos sobre o trabalho interdisciplinar dos vestidos de noivas, que ficaram expostos em todos os dias de evento. Desenvolvido pelos acadêmicos do segundo ano do curso de moda, o trabalho tinha como objetivo confeccionar os vestidos de noivas mais famosos, da idade média ao contemporâneo (Tecidoteca, 2019).

O evento contou com a presença dos acadêmicos do curso da UEM, empresários, políticos e palestrantes de diversas áreas do setor da indústria da moda e da indústria têxtil. A Orquestra da Câmara da Universidade Estadual de Maringá, que também é um projeto de extensão, tocou músicas condizentes com os períodos dos vestidos de noiva, tornando a noite de abertura um marco, rememorando a história, as músicas e os trajes desde a Idade Média até o contemporâneo.

Com o auditório lotado, o campus da UEM de Cianorte deu início, na noite da última quarta-feira (05), à programação alusiva ao aniversário de 10 anos da Tecidoteca, um projeto de extensão do Departamento de Design e Moda (DDM), que funciona como uma biblioteca de bandeiras têxteis. Fundada em 2009, por iniciativa do engenheiro têxtil e historiador, Ronaldo Vasques, em parceria com o professor do curso de moda, Fabrício Fortunado, e a bibliotecária do campus, Márcia Paiva, atualmente, a coleção abriga amostras oriundas de diversas localidades do país e até do exterior, sendo considerada a mais abrangente do Brasil (Emoção..., 2019).



Figura 03 – Público aguardando o início da comemoração no Anfiteatro do Campus Regional de Cianorte – CRC na abertura

Fonte: Acervo Tecidoteca Moda/UEM Cianorte (2019).

Além da exposição de vestidos de noivas intitulada “Da Idade Média ao Contemporâneo” (FIG. 04) em que foram apresentados vestidos produzidos por alunos e professores do curso de moda. Houve a palestra “Pesquisa e consumo de moda no segmento jeanswear”, ministrada pela estilista Patricia Baldini Saragioto. A programação seguiu até o sábado (08) com workshops, palestras, mesas redondas e exposições (Emoção..., 2019).



Figura 04 - Vestidos de noivas expostos no anfiteatro da UEM - Cianorte

Fonte: Acervo Tecidoteca Moda/UEM Cianorte (2019).



Figura 05 - Palestrante Patrícia Baldini Saragioto

Fonte: Acervo Tecidoteca Moda/UEM Cianorte (2019)

Na (FIG. 06) a Orquestra da UEM executando as músicas da Idade Média até a contemporaneidade em alinhavo com os vestidos de noivas e na (FIG. 07) os fundadores da Tecidoteca Moda UEM – Cianorte.



Figura 06 - Orquestra da Câmara da Universidade Estadual de Maringá

Fonte: Acervo Tecidoteca Moda/UEM Cianorte (2019).



Figura 07 – Fundadores e coordenadores da Tecidoteca: Ronaldo, Márcia e Fabrício

Fonte: Acervo Tecidoteca Moda/UEM Cianorte (2019).

Acreditamos que era possível e, cada um, com as potencialidades de sua área e o apoio de inúmeras pessoas, de dentro e fora da comunidade acadêmica, temos alcançado resultados exitosos, que produzem conhecimento e contribuem com a sociedade, que pode fazer consultas ao acervo, tanto físico, aqui na UEM, quanto online, por meio do blog [tecidotecauem.blogspot.com], disse o professor Ronaldo, que é o atual coordenador da Tecidoteca, acompanhado pelos cofundadores, Fabrício e Márcia (Emoção..., 2019).

A Tecidoteca é um espaço de inúmeras trocas de conhecimento nas áreas de moda, confecção e têxteis e, nesta comemoração, reiteramos a importância de um Projeto Extensionista para curso de Moda em seu dia a dia, ou seja, na sala de aula.

Exposição 2: Vestidos de noivas no saguão da Prefeitura Municipal de Cianorte

Em 11 de setembro de 2019 aconteceu a exposição “A Trajetória dos Vestidos de Noiva: da Idade Média ao Contemporâneo”, no saguão do Paço Municipal da cidade de Cianorte. Naquele momento, foram expostos trajes de diversas épocas, desde da rainha escocesa Mary Stuart (século 16) até o de Meghan Markle (século XXI). Segundo notícias do jornal da UEM Maringá, os

Vestidos de noiva usados entre a idade média e o período contemporâneo estão reunidos numa exposição organizada pelo curso de moda da Universidade Estadual de Maringá, em Cianorte. As peças estão na prefeitura da cidade, local da mostra, até o dia 24 de setembro, durante horário comercial, com acesso totalmente gratuito (Pupim, 2019).

A imprensa jornalística da prefeitura de Cianorte comentou:

Teve início nessa quarta-feira (10), a exposição “A Trajetória dos Vestidos de Noiva: da Idade Média ao Contemporâneo”, no saguão do Paço Municipal. As sete peças exibidas foram confeccionadas pelos estudantes do 2º ano de Moda, da Universidade Estadual de Maringá (UEM) – Campus Regional de Cianorte. Para marcar o início da mostra, que conta com o apoio da Divisão de Cultura, houve solenidade, durante a tarde, com a presença de autoridades municipais e da comunidade e a apresentação do coral de música erudita, Das Alte Erbe (Exposição..., 2019).



Figura 08 - Vestidos de Noivas no saguão do Prefeitura Municipal de Cianorte

Fonte: Pupim (2019).

As acadêmicas do curso de moda estiveram presentes na exposição e cada grupo vestiu um manequim com seu respectivo vestido de noiva, participando, assim, efetivamente da montagem de todo processo da exposição.

Trata-se da exposição cujo título é “A trajetória dos vestidos de noivas da Idade Média ao contemporâneo”. Aos interessados em saber como surgiu essa tradição de vestido de noiva que tanto nos fascina, os responsáveis pela exposição respondem que não existe uma data exata, mas já na Bíblia há relatos de vestes especiais utilizadas para o dia do matrimônio, nada parecido com o que temos hoje. Na idade média, os vestidos podiam ser de qualquer cor, inclusive usava-se vermelho e preto. Nesta exposição, estão sendo mostrados vestidos de importantes rainhas, como a escocesa Mary Stuart (século XVI), Maria de Médice (século XVII) e a Rainha Inglesa Vitoria (século XIX), que dissemina e evidencia a cor branca (Pupim, 2019).

Na oportunidade, o prefeito Bongiorno, acompanhado de seu vice, Beto Nabhan, elogiou a iniciativa dos professores e enfatizou a importância da Universidade para o contexto local:

Uma exposição como essa não é somente interessante para a apreciação do público. Ela demonstra o quanto a instituição de ensino tem produzido conhecimento. Por esse e outros motivos que a nossa administração está sempre preocupada em dar condições para que a UEM continue em Cianorte. Prova disso é que contribuímos com a doação do terreno à instituição, para garantir que ela esteja apta a receber investimentos (Exposição..., 2019).

O professor Ronaldo Vasques, um dos organizadores da mostra, contou que a ideia surgiu de visitas que fez à museus europeus. “Percebi nesses locais que essas peças sempre ficam em cúpulas e são motivo de muita curiosidade. Pensei em trazer para Cianorte. A proposta foi feita aos alunos da disciplina que leciono, de História da Moda Contemporânea (Exposição..., 2019, p.2)



Figura 09 - Acadêmicas e professores na exposição

Fonte: Pupim (2019).

Na figura a seguir, podemos observar o vestido icônico com mangas bufantes usado pela Princesa Diana (século XX) e, para encerrar, ainda há o vestido com decote canoa, de Meghan Markle (século XXI).



Figura 10 - Vestido da Lady Diana e Meghan Markle

Fonte: Pupim (2019).

O professor Dr. Ronaldo Salvador Vasques comentou, ainda naquela ocasião, que os setes vestidos expostos são réplicas de peças usadas por rainhas, como a escocesa Mary Stuart (século XVI), a francesa Maria de Médici (século XVII), a inglesa Vitória (século XIX), além da Princesa Diana (século XX) e de Meghan Markle (século XXI). “São ícones que marcaram época, como a Lady Di, nos anos 1980, com sua manga “presunto”. Para a montagem, respeitamos características importantes, como as cores e os aviamentos”, explicou o professor (Pupim, 2019). Uma curiosidade observada na exposição é a respeito de um dos materiais utilizados: “Os vestidos foram confeccionados com tecidos de cortina, por conta do tamanho, que precisava ser maior” (Pupim, 2019, p.3).

Para compreendermos os pilares da comemoração dos 10 anos do projeto, como foi elaborado e construído nas disciplinas de Tecnologia da Confecção, Tecnologia Têxtil, Modelagem Plana, História da Moda, História da Moda Contemporânea, Modelagem Tridimensional, todas costuradas ao Projeto de Extensão Tecidoteca, concretizamos uma pesquisa no contexto histórico deste recorte de tempo (Idade Média até o século XXI).

História da indumentária e da moda: da Idade média ao contemporâneo

O vestuário, a indumentária, as roupas e, por último, a moda – desde o início de tudo – e toda sociedade, sempre foram motivos de proteção, divisão social e gostos.

A roupa, na maior parte de sua história, seguiu duas linhas distintas de desenvolvimento, resultando em dois tipos de contrastantes se vestimenta. A linha divisória mais óbvia aos olhos modernos está entre a vestimenta masculina e a feminina: calças e saias (Laver, 2005, p. 7).

Neste viés, o pensar de quando surgiram os vestidos de noivas e suas transformações na sociedade e em até que momento histórico eles ficaram conhecidos como desejo e movimento político revelaram-se importantes. Foi na Idade Média que o fascínio pelo vestido de noiva foi difundido – com a queda do Império Romano, surgiu a Idade Média, também conhecida como período medieval, que foi compreendida entre a queda do Império Romano e o surgimento do movimento renascentista. Cabe dizer que esse período teve duas divisões “Época em que se divide em duas etapas: Alta Idade Média e Baixa Idade Média. A primeira marcada pelo início das invasões bárbaras, e a segunda pelo renascimento urbano e retomada comercial” (Neotte; Vasques, 2015, p.1).

Por meio de uma análise histórica da indumentária e da moda, é possível perceber que todas as sociedades, da mais primitiva até a contemporânea, utilizam-se de cores e estilos empregados no vestuário para transmitir informações pessoais e sociais, principalmente o *status*. A roupa se torna então um signo de distinção social. A roupa e tudo que a compõe começa a fazer parte do patrimônio e da identidade social e tornam-se elementos pelos quais as classes dominantes afirmam seu *status*.

Até meados do século XIX, para cada base social era determinada uma cor apropriada, que o situava e o diferenciava das outras. Na idade média, o signo da indumentária se tornou tão elementar na distinção social que foi necessário criar decretos, conhecidos como leis suntuárias, que proibiam o uso de determinados estilos e cores por classes específicas. Por ser o ápice da distinção social utilizando a vestimenta, e consequentemente pelas cores empregadas em sua composição, tal período foi escolhido como início do entendimento de cores e distinção (Majolo; Vasques, 2013, p. 540).

Ao longo dos séculos XVI, XVII e VXIII, o traje da noiva era bem restrito aos mais abastados em termos de imitação de moda, todavia, o século XIX, foi um momento em os centros urbanos se ampliaram e a modernidade efetivamente decompôs a vida das pessoas. Segundo Bitencourt e Vasques (2020, p.9), “é possível visualizar estudos já apresentados, onde expõe a vida da mulher no século XIX, e de como essa teve suas mudanças prolongadas, tanto em suas vestimentas que começa o século com uma vantagem enorme de aprisionamento corporal”. A moda do século XIX propôs, de início, livrar as mulheres da moda de tempos anteriores, que possuía, dentre outras características, exageros nos volumes e nos pesos das roupas, além de saias extremamente grandes e penteados enormes.

Após a coroação de Napoleão Bonaparte, em 1804, o estilo império impôs-se por toda a Europa e, em consequência, surgiu o “vestido Império”, que ficou conhecido por meio dos trajes de Josefina de Beauharnais, a primeira esposa de Napoleão (Vasques, 2018, p. 65). De acordo com Laver (2005, p. 154), “talvez em nenhuma outra época entre os tempos primitivos e a década de 1920, as mulheres tenham usado tão pouca roupa como no início do século XIX. Todos os trajes pareciam ter sido criados para climas tropicais”. Bitencourt e Vasques comentam que “cinturas finas, saias amplas e mangas fofas, essa é a descrição mais rápida sobre o período do romantismo” (Bitencourt; Vasques, 2020, p. 3). Vasques (2018, p. 46-47) corrobora com essa informação ao afirmar que “a moda conhecida como “Estilo Romântico” surge também na primeira metade deste século. Este estilo ficou caracterizado por babados, golas altas, mangas balão, pormenores de rendas, laços e a volta da cintura na própria cintura, com o uso, novamente, de espartilhos”. Notamos que a cintura fina entrou na moda e, a partir de então as saias se tornaram mais amplas, ficando com um comprimento mais curto, comparativamente ao período anterior.

Na Inglaterra, no período entre 1831 e 1890, imperava o Estilo Vitoriano, que correspondeu ao reinado da Rainha Vitória da Inglaterra. Inspirada na monarca, a moda vitoriana era caracterizada pelos volumes e excessos. Tanto o Estilo Romântico na França como o Estilo Vitoriano na Inglaterra foram as grandes tendências da moda do século XIX. Considerando que a silhueta feminina ia ficando em forma de “sino”, surgiu a crinolina, que era uma espécie de armação feita de crina de cavalo e linho (daí o seu nome), presa por vários aros de anéis, formando uma espécie de gaiola, que era usada por baixo das saias das senhoras para dar volume (Vasques, 2018, p. 47).

No Brasil, seguimos as modas francesa e inglesa durante todo o século XIX:

O espartilho e a crinolina se espalharam pelas lojas do comércio carioca. Em 1859, a casa de Catarina Dazon e Filho, localizada na rua do Ouvidor n. 97, vendia máquina de costura e toda sorte de artigos para a “toilette de uma senhora”: camisinhas, meias de seda, luvas e provavelmente crinolinas e espartilhos. Em 1867, Rocha Costa e Miranda, donos de um armário de modas e perfumarias na rua das Violas, esquina com a rua da Candelária, informou ao público “a venda especial de camisas, camisinhas, corpinhos, calças, punhos, colarinhos, e meias para senhoras (...) saias-balão e de lã de babados, estofos e lavores diversos”. Antônio Joaquim Magalhães, outro comerciante carioca com estabelecimento na rua das Quitandas no mesmo ano, também anunciou camisinhas e corpetes para senhoras entre seus produtos (Monteleone, 2019, p.25).

O vestido de noiva e o casamento no século XX foram sendo disseminados por toda sua tradição e moda. Segundo Harger (2019, p.125), “o ritual do casamento é tradicionalmente conhecido como o “dia da noiva” isso pelo fato de que a maioria dos elementos que compõem o cenário do casamento está ligada à imagem da mulher “noiva”. Essa criação da noiva como um indivíduo é permeada por meio de símbolos específicos, como flores, bolo e vestido. O vestido da noiva é dotado de valores sociais e simbólicos e a escolha do modelo é uma das principais tarefas da noiva, já que ele refletirá as posses de sua família e simbolizará, além de sua pureza, seus gostos pessoais.

Considera-se que os vestidos de noiva são elementos marcantes, uma vez que exprimem a passagem da vida de solteiro da mulher para a de casada, carregando uma série de significados e simbolismos perante a sociedade. Esses simbolismos são permeados por objetos de consumo, pois o fato de a noiva representar a mulher que está deixando seus pais e formando sua própria família, vem acompanhado da imagem da noiva vestida de branco, com suas escolhas de tecido, modelo, acessórios, sapato, buquê e itens que compõem essa estética (Harger, 2019, p.125).

A autora nos conta que nos anos de 1950, “a única fonte de informação que as moças tinham sobre as tendências de moda era através das revistas, rádio e cinema” (Harger, 2019, p.126).

Essas mídias também podem ser consideradas fatores determinantes nas escolhas individuais da noiva. Ao apresentarem em suas páginas imagens de noivas com seus vestidos elegantes, casamentos das elites, de famosos e de atrizes de cinema, as revistas criam estratégias de consumo, de desejo e fomentam dessa maneira o mercado dos casamentos. As noivas se inspiram nos grandes casamentos para transformar o grande dia em um evento especial para si, para os convidados e para as famílias (Harger, 2019, p.126).

Partindo desses pressupostos, os acadêmicos em História da Moda Contemporânea realizaram um estudo teórico e análise da influência da indumentária e da moda dos vestidos em seus respectivos tempos e espaço. E, por último, iniciou, na oficina de moda da UEM - Campus Regional de Cianorte, a confecção das réplicas dos sete vestidos de noiva mais conhecidos. Como comentam Bernardo e Vasques (2019, p.2), “viajar ao passado para compreender as influências presentes é o caminho proposto pela historiografia. Desse modo, reconstruir o passado é uma ação de resgate do fato ocorrido sob o olhar do presente”. Após compreendido o contexto histórico, seguiremos aos vestidos de noiva elaborados pelas acadêmicas do curso de Moda da UEM/CRC.

Vestidos das noivas confeccionados na oficina de moda da UEM-Cianorte (Turma do 2º ano de Moda, 2019)

O trabalho elaborado pelos acadêmicos do 2º ano do curso de Moda da UEM ocorreu no ano de 2019, com a junção de algumas disciplinas: Tecnologia da Confecção, Tecnologia Têxtil, Modelagem Plana, História da Moda, História da Moda Contemporânea, Modelagem Tridimensional, alinhadas ao Projeto de Extensão Tecidoteca Moda/UEM- Campus Regional de Cianorte. Cabe dizer que os trabalhos foram executados pelas Professoras Mestra Maria Helena de Carvalho (Tecnologia da Confecção e Modelagem Plana) e Mestra Regielem de Cacia Ruy Dias (Modelagem Tridimensional) e Professor Dr. Ronaldo Salvador Vasques (Tecnologia Têxtil, História da Moda e História da Moda Contemporânea).

Não existe um período exato em que a tradição do vestido de noiva surgiu, no entanto, na Bíblia, há relatos de vestes especiais usadas para o dia do matrimônio, porém nada semelhante com o que temos na atualidade. O Professor Dr. Ronaldo Salvador Vasques, coordenador da exposição comenta que:

Na idade média os vestidos podiam ser de qualquer cor, inclusive usava-se vermelho e preto. Nesta exposição temos vestidos de importantes Rainhas: A Escocesa Mary Stuart (Séc. XVI), Maria de Médice (Séc. XVII) e a Rainha Inglesa Vitoria (Séc. XIX) que dissemina e evidencia a cor branca. O vestido icônico com mangas bufantes usado pela Princesa Diana (Séc. XX). E para encerrarmos temos o vestido com decote canoa, de Meghan Markle (Séc. XXI) que se casou com o príncipe inglês Harry (Exposição..., 2019, p.3).

Na sequência, apresentaremos os sete vestidos confeccionados pelos acadêmicos de moda na oficina da UEM/Cianorte: Vestido da Idade Média – vermelho (FIG. 11); Rainha Consorte – Isabel de Valois (FIG.12); Maria Stuart ou Maria I – a Rainha da Escócia (FIG.13); Maria de Médici (FIG.14); Rainha Vitória (FIG.15); Princesa de Gales – Lady Diana (FIG.16) e da Meghan Markle – a Duquesa de Sussex (FIG.17).

O **primeiro vestido de noiva** construído pelas alunas pertence à Idade Média. Nesta época, como de costume, as noivas se casavam com a cor vermelha. O vestido apresentado é uma réplica desenvolvida pelas acadêmicas na oficina de moda e, segundo elas, foram utilizados tecidos 100% poliéster (PES) no tamanho de cortinas. O intuito foi de aproveitar o tecido ao máximo já que ele tem 3 metros de largura e 1,5 metros de altura. O material têxtil é um tecido na cor vermelha conhecido como *Jacquard* (tecido que possui alto-relevo, desenhos elaborados e com uma gama de cores que pode ultrapassar de doze cores). O grupo, por meio de análise e estudo, analisou o caiamento e os pormenores que estavam presentes na roupa/imagem, bem como detalhes do arremate, que é feito em renda branca nas laterais, frente e mangas. Podemos observar que na frente do vestido há quatro recortes feitos manualmente com uma tesoura, – cortes na camada superior que deixam abrolhar a parte inferior – que dão o efeito de talhadas nos tecidos e fazem referência à Idade Média, especificamente ao início das *talhadas ou landsknecht*. Este efeito, originalmente, era obtido ao puxar o tecido ou a malha que estava por baixo da peça. Abundantemente disseminada no renascimento, essa moda era predominante nas roupas masculinas e femininas.

Na questão das cores, as acadêmicas comentaram que, no início da Idade Média, o vestido de noiva surgiu com propósito de evidenciar a nobreza da família, ou seja, o poder aquisitivo. A cor vermelha representava sangue e, deste modo, a capacidade de gerar um sangue novo ou uma criança; por meio de camadas de tecidos e armações, era costume evidenciar a procriação, que era o “destino/obrigação” da mulher. O vestido era fechado com um botão de madrepérola e pedrarias. As máquinas industriais utilizadas na oficina de moda na UEM foram a reta e a overloque, já o acabamento, no geral, foi realizado à mão.



Figura 11 – Vestido da Idade Média – Vermelho

Fonte: Acervo Tecidoteca Moda/UEM Cianorte (2019).

O **segundo vestido de noiva** é da Rainha Consorte da Espanha, a Rainha Isabel de Valois ou Isabel de Valois, que nasceu em 2 de abril de 1545 e faleceu em 3 de outubro de 1568. Foi a terceira esposa do rei Felipe II e filha do rei Henrique II, da França, e de Catarina de Médici. A imagem da figura 13 é composta por um vestido feito em tecido de cortina preto acetinado, composição 100% poliéster (PES), com 3 metros de largura e 1,5 metros de altura. Para o volume na parte da saia, foi utilizada uma armação com várias anáguas de tule filó. Em relação aos aviamentos, foram utilizadas pedrarias nas cores vermelho e verde que remetem ao original e um colar de imitação de pérolas envolto do pescoço. Nas mangas, que eram presas por cordões ou alfinetes que “escondiam” o detalhe da peça, foi utilizado um tecido cetim vermelho e, na mão, demonstrando as rendas que ficavam por baixo dos trajes, foi utilizada malharia de urdume, rememorando os originais. Um fato relevante é que podemos observar uma espécie de capa presa ao vestido, entretanto as acadêmicas e os professores perceberam, ao analisar a veste/imagem, uma junção da roupa, evidenciando a moda daquele período. Além disso, pudemos constatar que, no vestido, há pormenores de fita de cetim vermelho que evidenciam a vestimenta, sendo seis na frente e quatro nas mangas. Quanto às costuras, foram confeccionadas algumas partes nas máquinas industriais reta e overloque, entretanto, o acabamento, de modo geral, foi realizado à mão.



Figura 12 – Rainha Consorte da Espanha - Isabel de Valois

Fonte: Acervo Tecidoteca Moda/UEM Cianorte (2019).

O **terceiro vestido** de noiva é da Maria Stuart ou Maria I, a Rainha da Escócia, que nasceu no Palácio de Linlithgow entre 7 ou 12 de dezembro de 1542 (há uma dúvida sobre o dia exato de seu nascimento) e faleceu em 8 de fevereiro de 1587, com 44 anos. Para a confecção do vestido, foi escolhido o tecido plano *Jacquard* que, segundo as acadêmicas, tem um desenho alto-relevo próximo ao original nas cores bege e branco. A roupa foi feita em tecido de cortina bege acetinado 100% poliéster (PES) com 3 metros de largura e 1,5 metros de altura. Para dar volume na parte frontal, foi utilizada uma armação com anágua de tule filó. Em relação aos aviamentos, foram utilizadas flores vermelhas de plástico feitas à mão e colar com várias voltas no pescoço para se aproximar do original, na frente com imitação de pérolas (que remete à riqueza). O vestido foi confeccionado algumas partes nas máquinas industriais na oficina de moda UEM (reta e interlock), porém, como na época o acabamento era feito manualmente, isso também foi resgatado nesta produção e foi feito todo à mão. Podemos observar que neste vestido há uma espécie de capa, entretanto as acadêmicas e os professores perceberam, ao analisar a veste/imagem, uma junção da roupa. Como evidenciada na figura abaixo, nas mangas há aplicações de renda.



Figura 13 – Maria Stuart

Fonte: Acervo Tecidoteca Moda/UEM Cianorte (2019).

O **quarto vestido de noiva** é de Maria de Médici, que nasceu em Florença, em 3 abril de 1540 e morreu em Livorno, em 19 de novembro de 1557. O vestido possui tecido plano branco, conhecido comercialmente como cetim de poliéster, com composição 100% poliéster (PES), com 3 metros de largura e 1,5 metros de altura de tecido em cortina branca. Possui aplicações no todo e, ao analisar o desenho da roupa/imagem, identificamos tecidos dourados, que remetem à abastança das Rainhas. A vestimenta possui pormenores em renda na frente e nas mangas, tecido em forma de flores cortadas manualmente com tesoura e aplicadas à roupa, além de bijuterias/pedrarias justapostas no decote canoa, na frente do vestido e nas mangas. Possui colar de bijuterias na frente, remetendo ao original, com cores em ouro/dourado e, por baixo do vestido, há um arco em metal e várias anáguas em tule para dar volume à roupa.



Figura 14 - Réplica do vestido de noiva da Maria de Médici

Fonte: Acervo Tecidoteca Moda/UEM Cianorte (2019).

O **quinto vestido de noiva** é da Rainha da Inglaterra, Alexandrina Vitória Regina, conhecida como Rainha Vitória, que nasceu em 24 de maio de 1819 e faleceu em 22 de janeiro de 1901. Teve seu reinado, que durou entre os anos de 1837 a 1901, conhecido como a “Era Vitoriana”, um momento de grande ascensão da burguesia industrial e comercial. O vestido foi realizado com dois tecidos planos que mediam 3 metros de largura e 1,5 metros de largura: a) parte inferior: tecido elaborado e construído em tecido *Jacquard* de cortina bege brilhante; b) parte superior: tecido plano branco, 100% poliéster (PES), que remetia ao original de cetim branco usado no casamento da Rainha Vitória, aproximando dos folhos de renda, identificados pelas acadêmicas. A tentativa é de se aproximar ao máximo ao vestido original de cetim branco, com folhos de renda, cauda de seis metros de comprimento, colar no pescoço e broche de safira usado pela rainha. O vestido possui rendas de cor branca na frente e nas mangas; na frente, tem um buquê em flores, que foi de orla enfeitada de flores de laranjeira. Observa-se uso do colar dourado para armação do vestido e malharia de urdume (*tule*) com várias anáguas (*saias*) para dar o volume à peça. Segundo relatos da autora Baird (2018, p.146), “à medida que o casamento se aproximava nas primeiras semanas de 1840, Vitória se sentia cada vez mais agitada. O tempo estava frio, úmido e ventoso. Estava ficando pálida e magra, não conseguia comer e nem dormir, tinha febre, o corpo inteiro doía”. Desse modo percebemos a angústia de uma

rainha em seu casamento, ou seja, a expectativa que os londrinos prospectavam. “Vitória queria um casamento singelo: um vestido simples, um pequeno número de convidados, uma cerimônia discreta. Claro que, em se tratando de uma rainha, era uma vontade difícil de se atender” (Baird, 2018, p. 148).



Figura 15 – Vestido de noiva da Rainha Vitória

Fonte: Acervo Tecidoteca Moda/UEM Cianorte (2019).

Detalhes do vestido da Rainha Vitória, construído no século XIX, são, entre outros, os folhos, a metragem de tecidos, a orla enfeitada de laranjeira, a seda e a origem do tecido. A jornalista e Doutora em História, Julia Baird, nos conta em seu livro ‘Vitória, a Rainha: a biografia íntima da mulher que comandou um Império’, cada pormenor do matrimônio:

Vitória se manteve imóvel enquanto abotoavam cuidadosamente seu vestido de cetim branco, com folhos de renda e uma cauda de seis metros de comprimento com a orla enfeitada de flores de laranjeira. Suas mãos tremiam levemente enquanto colocava os brincos de diamantes turcos e punha um colar no pescoço, depois prendendo no peito um broche de safira que ganhara de Albert. Ficou com os pés estendidos para que as atendentes amarrassem em seus tornozelos as fitas dos delicados sapatinhos de cetim branco. O vestido era caído nos ombros, deixando a mostra a pele ebúrnea e macia do peito, e o cabelo, rigorosamente partido ao meio, estava enrolado cobrindo as orelhas (Baird, 2018, p.149).

Outro fator relevante é sobre a construção e a origem do tecido, a malharia de urdume de renda, o molde e as luvas. De acordo com Baird (2018, p. 149), “o tecido vinha dos Spitalfields, centro histórico da indústria da seda em Londres, e duzentos rendeiros de Devon trabalhavam meses. O molde foi destruído a seguir, para que ninguém copiasse”. As luvas, foram feitas de pelica inglesa, vinda da capital, Londres. Vitória encarregara um rolo enorme de renda de Honiton feita à mão “na tentativa de reavivar o setor em declínio (as imitações feitas à máquina andaram prejudicando o ofício)” (Baird, 2018, p.150). Desse modo, percebemos como a moda é política e estratégica. Uma questão bem interessante é que a noiva pediu que suas damas de honra não usassem branco. Há muitas questões e comentários sobre Vitória ter se casado de branco, porém, na visão de Baird (2018, p.150),

alguns interpretam erroneamente a escolha da cor, como sinal de pureza virginal – como disse mais tarde Agnes numa efusão sentimental, ela escolhera se vestir “não como rainha em trajes deslumbrante, mas de branco imaculado, como uma virgem pura, para ir ao encontro do noivo”, Vitória escolhera usar branco basicamente porque era a cor ideal de ressaltar a delicadeza do rendado – na época, não era uma cor convencional para noivas. Antes de se dominarem as técnicas de aljeamento, o branco era cor rara e cara, mais símbolo de riqueza do que pureza. Vitória não era a primeira a usá-la, mas seu exemplo deu popularidade à cor. Tecelões rendeiros de toda a Inglaterra ficaram entusiasmados com o súbito aumento na procura de seus trabalhos artesanatos.

Cabe ressaltar, ainda, que a questão discutida pela academia à respeito de a Rainha Vitória ter sido a primeira a usar a cor branca em um vestido de noiva é errônea, houve, antes dela, rainhas e princesas que fizeram o uso da mesma cor. A respeito da FIG. 16, a autora Baird (2018, p.194) comentou: “Em 1851, as vestes do casório tinham ficado mais apertado – embora, mesmo onze anos mais tarde. Vitória ainda gostasse de reviver o momento, como que para lembrar aos súditos que continuava noiva de seu belo esposo”.



Figura 16 – Vestido de noiva Rainha Vitória

Fonte: Baird (2018).

Cabe comentar que o casamento entre Vitória e Albert “é um dos maiores romances da história moderna. Foi genuíno, devoto e fecundo. Juntos, foram arautos de uma era em que a monarquia passou de poder direto para a influência indireta, de fruto da aristocracia para símbolo de classe média (Baird, 2018, p.150).

O **sexto vestido de noiva** é da Princesa Diana, conhecida como Diana ou Lady Di, e apelidada como “princesa do povo” por conta de sua simpatia e seu carisma. Nascida no Reino Unido, pertenceu à Família Real Britânica, por conta de seu casamento com o rei Carlos III, e faleceu em Paris, em 31 de agosto de 1997. Seu vestido foi considerado icônico nos anos 1980 e o mais comentado do século XX, pois a moda foi tida como exagerada por conta da profusão de misturas de estilos, roupas e acessórios. Segundo as acadêmicas do grupo, o vestido foi confeccionado algumas partes nas máquinas industriais, na oficina de moda UEM (reta e interlock), mas o acabamento em si foi feito todo à mão, principalmente as mangas bufantes que foram, nos seus pormenores, alinhavadas em vários dias de trabalho. O grupo tentou se aproximar ao máximo do tecido original do vestido, que foi feito em tafetá de seda, utilizando um tecido de tafetá de poliéster (PES) e também uma renda de malharia de poliéster (PES), rememorando a renda antiga de cor marfim, utilizada pela princesa. A cauda tinha 7,62 metros e o véu de tule possuía 140 metros, com uma cauda incrustada de lantejoulas de 8 metros. Os designers que fizeram o vestido de Lady Di foram David e Elizabeth Emanuel.



Figura 17 – Vestido da Princesa de Gales, Lady Diana

Fonte: Acervo Tecidoteca Moda/UEM Cianorte (2019).

O vestido original encontra-se preservado e patrimoniado, como podemos observar na sequência de figuras 19, 20 e 21, que são fotos de Matt Dunham, da exposição do “Royal Style in the Making”, que aconteceu em 2 de janeiro de 2022, no Reino Unido.



Figura 18 - Vestido original de frente da Princesa de Gales, Lady Diana, na exposição “Royal Style in the Making”

Fonte: Vestido (2021).



Foto 19 - Detalhes das rendas do vestido original da Princesa de Gales, Lady Diana, na exposição “Royal Style in the Making”

Fonte: Vestido (2021).



Figura 20 - Pormenor da cauda do vestido original da Princesa de Gales, Lady Diana, na exposição “Royal Style in the Making”

Fonte: Vestido (2021).

O **sétimo vestido de noiva** é o último apresentado pela Família Real, utilizado pela Duquesa de Sussex, Meghan Markle, que se casou com o Príncipe Harry, em uma cerimônia em 2018 (século XXI). O vestido original tinha um decote ombro-a-ombro e foi produzido em seda (S) pura, já o grupo escolheu um tecido acetinado em poliéster (PES) na cor branca para construção. O vestido longo foi pensado em retratar fielmente o de Markle, com mangas de três quartos de comprimento, decote canoa aberto e cauda com saia de

baixo embutida. Segundo as acadêmicas, não foi difícil sua construção entre costuras e arremates; o vestido foi confeccionado algumas partes nas máquinas industriais, na oficina de moda UEM, como a reta e a interlock, e o acabamento realizado à mão. As linhas do vestido estendem-se para as costas, onde a cauda flui em dobras redondas e macias, protegidas por uma anágua em tripla organza de seda; o véu tinha cinco metros. As finas mangas 3/4 acrescentam um toque de modernidade refinada. “O longo véu de Meghan, feito de tule de seda, foi decorado com flores bordadas à mão em fios de seda e organza, e representou os 53 países da Commonwealth” (Dariella, 2018, p.2).



Figura 21 - Vestido de Noiva da Duquesa de Sussex - Meghan Markle

Fonte: Acervo Tecidoteca Moda/UEM Cianorte (2019).

A pesquisa para a escolha dos vestidos a serem replicados e suas relevâncias no contexto social da Idade Média ao contemporâneo e a construção da modelagem e costura dos vestidos de noiva proporcionaram às alunas, alunes e alunos uma amplitude de conhecimentos muito satisfatória, do ponto de vista pedagógico interdisciplinar, visto que tiveram oportunidade de confeccionar vestuários icônicos de rainhas e princesas e, desse modo, adquirir conhecimento na prática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Projeto de Extensão Tecidoteca, do curso de Moda, tem realizado várias atividades extensionistas desde sua criação, em 2009, e seu objetivo sempre foi colaborar e pensar os materiais têxteis e suas especificidades, transformando em uma “biblioteca de tecidos”. A metodologia aplicada é de natureza descritiva e os resultados são concluídos com exatidão por intermédio de ensaios têxteis realizados no laboratório de controle de qualidade I e II, no Campus Regional de Goioerê (CRC), da Universidade Estadual de Maringá (UEM), pelo curso de Engenharia Têxtil. O Projeto, ao longo dos 10 anos de sua existência, produziu capítulos de livros, artigos científicos, resenhas, matérias jornalísticas (escrevendo sobre Moda e Têxteis por dois anos no Jornal Tribuna de Cianorte) e atua em diversas redes sociais.

Com a finalidade de envolver o ensino, a pesquisa e extensão, a partir de percepções dos professores e das acadêmicas, o processo de aprendizagem teórico/prático, por intermédio da interdisciplinaridade, foi fundamental para o entendimento no ensino da trajetória dos vestidos de noiva da Idade Média ao Contemporâneo. Considerando que a pesquisa teórica/prática dos vestuários aconteceu nas disciplinas de Tecnologia da Confecção, Tecnologia Têxtil, Modelagem Plana, História da Moda, História da Moda Contemporânea e Modelagem Tridimensional, costuradas com o Projeto de Extensão Tecidoteca Moda/UEM- Campus Regional de Cianorte na oficina de moda onde as roupas foram pensadas e construídas pelas acadêmicas de moda da UEM-Cianorte, ficou evidenciada a percepção de como a interdisciplinaridade, em seus pormenores, no que tange desde a compra dos tecidos, a modelagem, o corte e a percepção na análise dos volumes e formas foi basilar para o aprendizado das alunas. A importância das cores no contexto histórico foi salutar para a pesquisa, pois percebemos que se inicia com a cor vermelha, na Idade Média, transcorrendo até os tempos atuais, na cor branca. Outro ponto importante analisado foi a forma como as mulheres de algum modo mostraram seus protestos e gostos ao usarem um vestido ao longo da história, considerando o uso das anquinhas, dos espartilhos, os volumes exagerados das saias, nos fazendo refletir em como a indústria têxtil estava em desenvolvimento, produzindo metros e metros de tecidos, pois a mulher da alta sociedade utilizava, em média, até 15kg de roupas. O deslocamento dos vestidos de noivas em espaços públicos e visíveis propagou informações sobre a seriedade de salvaguardar a história e a memória de um país. Por intermédio dos sete trajes citados neste trabalho, entendemos a trajetória da mulher no alinhavo com suas modas e estilo, bem como por meio da Tecidoteca os diversos materiais têxteis utilizados.

E, por fim, reiteramos a importância do projeto extensionista para a Universidade e para a cidade de Cianorte e região, prospectando os pormenores dos Têxteis e da Moda.

REFERÊNCIAS

BAIRD, Julia. **Vitória, a rainha**: biografia íntima da mulher que comandou um império. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2018.

BERNARDO, F. C; VASQUES, R.S. Alinhavando a história: A indumentária da corte de D. João VI no Brasil. In: COLÓQUIO DE MODA, 15.;12º Edição Internacional, 6º Congresso de Iniciação Científica em Design e Moda, 2019, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Unisinos, 2019.

BITENCOURT, G. L.; VASQUES, R.S. A trajetória da indumentária e da moda feminina oitocentista a partir de ideias da mulher intelectual Nísia Floresta. In: COLÓQUIO DE GÊNERO E PESQUISA HISTÓRIA, 3., Irati, PR, set, 2020. **Anais...** Irati: Unicentro, 2020.

DARIELLA, Novello. Os vestidos de noiva de Meghan Markle. **Fashion Network**, 21 maio 2018. Disponível em: <https://br.fashionnetwork.com/news/Os-vestidos-de-noiva-de-meghan-markle,979639.html>. Acesso em: 3 fev. 2022.

EMOÇÃO e casa cheia marcam comemoração de 10 anos da Tecidoteca/UEM. **Prefeitura de Cianorte**, 06 jun. 2019. Disponível em: https://cianorte.pr.gov.br/noticiasView/5788_Emocao-e-casa-cheia-marcam-comemoracao-de-10-anos-da-TecidotecaUEM.html. Acesso em: 23 jun. 2023.

EXPOSIÇÃO no paço municipal demonstra evolução dos vestidos de noivas da realeza. **Prefeitura de Cianorte**, 9 set. 2019. Disponível em: <https://www.cianorte.pr.gov.br/noticia/exposicao-no-paco-municipal-demonstra-evolucao-dos-vestidos-de-noivas-da-realeza>. Acesso em: 9 set. 2019.

HARGER, Patrícia Helena Campestrini. **Lá vem a noiva**: narrativas da moda para casar (1950-1959). 2019. 224p. Tese (Doutorado em Histórias) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2019.

LAVER, J. **A roupa e a moda**: uma história concisa. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MAJOLO, Mariáh; VASQUES, Ronaldo Salvador. A indumentária como elemento distintivo: A cor do vestuário como componente da classificação social na idade média e contemporânea. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, 6., 2013, Maringá. **Anais...** Maringá: UEM, 2013.

MONTELEONE, J. Moda, consumo e gênero na corte de D. Pedro II (Rio de Janeiro 1840-1889). **Revista de história**, São Paulo, n. 178, p.1-34, maio 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/137842>. Acesso em: 2 fev. 2021.

NEOTTE, Linda Lara de Oliveira; VASQUES, Ronaldo Salvador. O traje da criança na Idade Média. In: COLÓQUIO DE MODA, 11., 8ª Edição Internacional, 2º Congresso Brasileiro de Iniciação Científica em Design e Moda, 2015, Curitiba, 2015. **Anais...** Curitiba: Universidade Positivo, 2015.

PUPIM, Paulo. Exposição reúne vestidos de noiva usados desde a idade média. **Assessoria de Comunicação Social UEM**, 18 set. 2019. Disponível em: http://www.noticias.uem.br/index.php?option=com_content&view=article&id=23962:exposicao-reune-vestidos-de-noiva-usados-desde-a-idade-media&catid=986:pagina-central&Itemid=211. Acesso em: 18 jun. 2023.

TECIDOTECA Moda UEM. Exposição vestidos de noiva. **Tecidoteca Moda UEM**, 12 jun. 2019. Disponível em: <http://tecidotecauem.blogspot.com/2019/06/exposicao-vestidos-de-noiva.html>. Acesso em: 18 jun. 2023.

VASQUES, R. S. **Identificação e análise do vestuário/têxteis presente em museus do traje e moda do século XIX.** 2018, 295p. Tese (Doutorado em Engenharia Têxtil) - Universidade do Minho Escola de Engenharia, Guimarães (Portugal), 2018.

VESTIDO de noiva da princesa Diana vai para exibição em Londres. **G1**, 03 jun. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2021/06/03/vestido-de-noiva-da-princesa-diana-vai-para-exibicao-em-londres-veja-fotos.ghtml>. Acesso em: 18 jun. 2023.